

A Migração dos Símbolos

M. L. Rollemberg

As circunstâncias de nosso dia-a-dia passam incólumes, até que um tema fortuito nos chama a atenção. Quando o apresentamos ao professor Palomba, de imediato mostrou seu interesse e curiosidade, decidindo levar o assunto adiante em busca de uma resposta de todo convincente.

Certos temas provocam as mais variadas reações: apaixonadas, intransigentes, mas a maior parte com *fair play*. Dentro da irreverência brasileira há um ditado popular que diz: "Perguntar não ofende." Nem sempre. Em meus tempos de estudante, tive ao final do curso um professor tão malcriado que o apelidaram de "tijolo". Às mais simples indagações o requerente recebia uma "tijolada" como resposta. Há estilos e estilos. O conspícuo jurista Pedro Chaves, à época Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, recebia os recém-nomeados magistrados em sua sala para uma audiência inicial e lhes dizia, com base em sua enorme experiência, que havia duas formas de exercer a justiça: com a fisionomia serena ou carrancuda como um bull-dog inglês, rosnando... ggrrrr... Seria uma opção pessoal.

Ao entrar no terreno pantanoso da simbologia e da mitologia, já sabia de antemão que algo semelhante poderia ocorrer. Paciência. Como já dizia um folclórico dirigente de nosso futebol: "Quem sai na chuva é prá se queimar..."

O assunto é fascinante e quanto mais nos aprofundamos, mais se amplia o horizonte, como um verdadeiro desafio a mostrar que o símbolo constitui a forma primeira de o ser humano comunicar-se e revelar seus segredos e temores. Infelizmente, no passado as escolas de Medicina não possuíam a cadeira de História, e tais assuntos eram

raramente ventilados. Para sorte dos atuais estudantes, essa falha vem sendo corrigida. A História é fundamental; pois, como já dizia Santayana, "quem a desconhece está sujeito a vê-la repetir-se!".

Desde tempos imemoriais o ser humano vem representando os fenômenos à sua volta através de símbolos. Goblet Dálviella, em sua obra magistral *A Migração dos Símbolos*, procura as explicações e conexões destes por meio dos estudos arqueológicos. Ele demonstra que um dos símbolos mais importantes é o da Árvore da Vida, Árvore Cosmológica, Árvore da Sabedoria, Árvore Sagrada. Ela tem representações entre todos os povos antigos, sendo assunto de mais alta relevância na Bíblia. "Os caldeus devem ser incluídos entre as nações que viram no universo uma árvore cujo ponto mais alto era o céu e cujo pé, ou tronco, era a terra." Esta concepção tão simples do universo foi superada por outra surgida na Mesopotâmia, o sistema cosmogônico, mais sutil, que segundo Diodorus fez da Terra um barco flutuando de cabeça para baixo no abismo das águas. Tais representações são encontradas entre os baixos-relevos da Mesopotâmia, ainda são usadas na bacia do Eufrates. A concavidade interior formava a região da escuridão, o domínio dos mortos e dos espíritos terrestres. No topo ficava uma imensa montanha, cujo ponto mais alto servia como pivô do firmamento e de cujos lados fluíam os rios principais. Há um hino na região do Golfo Pérsico que menciona uma árvore densa que crescia num local sagrado: "Suas raízes (ou frutos) de cristal branco estendiam-se rumo às profundezas... Seu sítio era o lugar (central) da terra: sua folhagem era o leito de Zikum, a mãe (primeva). No coração de sua casa santa

ficava o lar da poderosa mãe que passava atravessando o céu. Em seu centro estava Tammuz." Esta passagem parece conectar a Árvore Cosmogônica com a Grande Deusa da Natureza. Como divindade celeste, telúrica ou lunar, Tammuz, o sol, é ao mesmo tempo seu marido e filho. Outra referência à Árvore Cosmogônica ocorre numa passagem relativa às façanhas de Izdhubar ou Gilgamesh, o Hércules caldaico. Tendo alcançado os "portões do Oceano", encontra uma floresta de árvores "semelhantes às árvores dos deuses", que produzem "frutos de esmeralda e cristal". Pássaros maravilhosos vivem entre seus ramos, onde constroem "ninhos de pedras preciosas". O herói golpeia um desses pássaros a fim de arrancar "um grande fruto de cristal" e quer se retirar, mas encontra a porta do jardim fechada. Por aí se infere que o tema em questão é uma árvore celeste cujos frutos são os planetas, as estrelas e todas as "jóias" do firmamento. Esta história tem enormes similitudes com a lenda de Hércules arrebatando as maçãs de ouro do jardim das Hespérides (Fig. 1).



Fig. 1 – O Dragão e as Hespérides
(Guignaut, *Religion de L'Antiquité*, vol. IV, p.181)

Teria a Árvore Sagrada servido igualmente para retratar entre os caldeus um equivalente da árvore que, segundo a Bíblia, dá o conhecimento do bem e do mal? Não teria o bastão no símbolo da Medicina um significado semelhante ao da Árvore da Sabedoria e da Verdade? O emblema da Escola Paulista de Medicina possui uma árvore emblemática, com uma serpente a envolvê-la.

"A árvore é um dos temas mais antigos e mais extensamente difundidos da arte pictórica sensitiva, principalmente na Mesopotâmia. Ela aparece pela primeira vez nos cilindros caldaicos..." e "... nos monumentos de Nimrud e de Khorsabad, a partir do décimo século antes de nossa era, a Árvore tornou-se mais complexa..."

Segundo Goblet, existem dois tipos ou combinações simbólicas:

A) A Árvore entre dois animais que se defrontam

Fez sua primeira aparição nos mais antigos cilindros da Caldéia (Fig. 2).

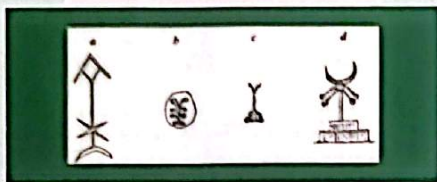


Fig. 2 - Formas rudimentares da Árvore Sagrada

Aparece na arte arcaica da Caldéia e, segundo Menat, na cidade de Agadi, no templo de Sargão I, há cerca de quatro mil anos antes de nossa era. Quando a Árvore se tornou maior e mais proeminente, os dois animais deixaram de se abraçar ou de se entrelaçar, assumindo uma atitude mais radical e estritamente simétrica (Fig. 3).

Os fenícios se apropriaram da Árvore a partir da Mesopotâmia há mais de mil anos antes de nossa era, desenvolvendo sua



Fig. 3 - Baixo-relevo de Nínive

aparência artificial até que toda semelhança com sua origem arbórea tivesse quase desaparecido, para ser substituída por um entrelaçamento de espirais curvas semelhantes a tiras (Fig. 4).



Fig. 4 - Baixo-relevo assírio (Layard, *Monuments of Nineveh*, p. 59 A)

Este modelo tão convencional quanto estético ocorreu em todos os lugares em que a influência fenícia foi sentida, principalmente na cerâmica arcaica de Corinto e de Atenas. Talvez já tivesse penetrado diretamente na Grécia através da Ásia Menor, porque é visto numa *amphora* descoberta em Curium e que Rayet e Collignon colocam entre os vasos com desenhos geométricos pertencentes a uma época anterior ao período de influência fenícia (Fig. 5). A partir das províncias gregas, a Árvore foi introduzida na Itália, onde é freqüentemente encontrada na arquitetura religiosa entre os séculos 7 e 11, na Sicília, em Ravena e especialmente em Veneza.

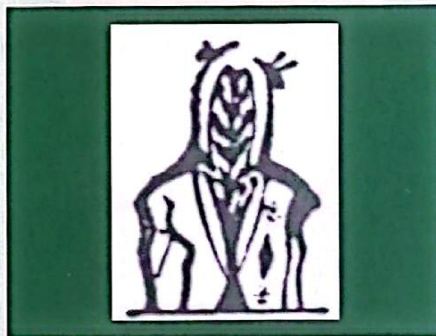


Fig. 5 - Vaso procedente de Curium (Cesnola, *Cyprus*, chap. I, p. 55)

B) A imagem da Árvore entre duas personagens humanas

Consideravelmente modificado pela arte grega, como todos os símbolos que fazem uso da figura humana, permaneceu mais fiel ao seu modelo mais antigo na Fenícia, na Pérsia e mesmo na Índia, onde

os dois *genii* assírios com cabeças de águia avançam em direção à Árvore, tornando-se os dois *naja-rajahs* ou *reis-serpentes*.

Na verdade, cada nação parece ter introduzido em sua combinação simbólica a árvore que considerava mais valiosa. Os pelópidas de Micenas puseram em seu lugar uma pira ou um altar de fogo. O grupo que outrora encimava o celebrado portão de Micenas certamente representava um objeto desta natureza, entre leões posicionados um em frente ao outro (Fig. 6).

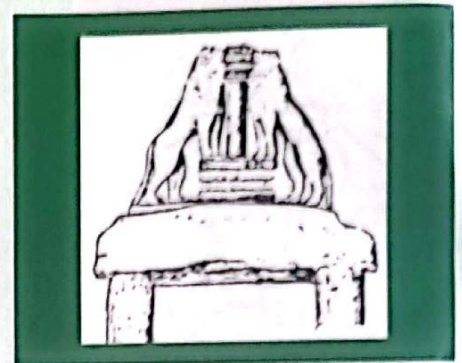


Fig. 6 - Portão de Micenas (Schliemann, *Mycenes*)

A significação da Árvore Sagrada

A primeira questão a ser investigada é se não estamos na presença de um caso de adoração da árvore. Os primeiros seres, de acordo com as tradições fenícias, "consagraram as plantas que crescem na terra; delas fizeram deuses e veneraram todas as coisas nas quais elas viviam, oferecendo-lhes libações e sacrifícios. A forma convencional dessa Árvore, a natureza de seus acessórios, sua freqüente associação com a figura de Deus Supremo e a proeminência atribuída em toda parte pela veneração pública às suas representações, já levam a concluir que não se trata apenas de exibir a imagem de uma planta venerada pelas suas qualidades naturais, mas que deve haver alguma coisa mais: o símbolo vegetal de um poder divino, como o *ashêrah* mencionado na Bíblia ou o *simulacrum* de uma planta mítica como o Carvalho Alado, sobre o qual - de acordo com uma tradição fenícia mencionada por Ferecides de Siros - o Deus Supremo teceu a terra, o firmamento estrelado e o oceano."

A serpente? Essa é outra história.

M. I. Rollemberg

Médico-cirurgião e escritor

Analogia em Medicina

José de Souza Andrade Filho

Atena, a deusa da sabedoria, entre outras qualidades e poderes, foi a inventora da arte têxtil. Aracne, filha de um produtor de tecidos de púrpura da Lídia, era também exímia tecelã e pretendia superar a deusa em sua arte. Após uma “discussão ou bate-boca mitológico”, defrontaram-se em uma espécie de concurso. Armaram os seus teares em locais determinados e criaram as mais belas imagens mitológicas, embora Aracne tenha tecido desenhos que desonravam os deuses, particularmente Zeus. No entanto, Atena não foi capaz de criticar a arte da donzela ou descobrir-lhe defeitos. Contudo, indignada pelas imagens ofensivas e tomada de ódio, rasgou-as. Aracne, amargurada, pendurou-se em uma corda, tentando se matar. Atena, por piedade, afrouxou a corda, que se tornou uma teia, e borrifou o rosto de Aracne com um líquido mágico, transformando-a em aranha, com a missão de praticar eternamente a sua arte de tecer fios. Uma das membranas que envolve o nosso cérebro, formada por uma rede intrincada de delicadas trabéculas compostas de fibras colágenas e algumas fibras elásticas, entre as quais há espaços ocupados pelo líquido cefalorraquidiano, recebeu por isso a denominação de **aracnóide** (semelhante a uma teia de aranha).

No mesmo contexto incluem-se outros termos, como **aracnodactilia** – dedos alongados, comparados às patas da aranha, observados na síndrome de Marfan, doença que provavelmente acometera o presidente americano Abraham Lincoln –, **aracnofobia** que é o pavor mórbido de aranhas, etc.

VESÍCULA EM BARRETE FRÍGIO – Frígio refere-se à Frígia, antigo país da Ásia Menor, ou aos seus habitantes. Barrete é cobertura ou gorro que se ajusta à cabeça, feito de tecido mole e flexível. Significa ainda a segunda cavidade do estômago de ruminantes e o pequeno chapéu usado por membros do clero. Barrete frígio era boné ou gorro em forma de cone, com a ponta caída para um lado, usado pelos frígios e também pelo povo na França ao tempo da primeira república, onde se tornou símbolo da liberdade e da própria república.

As anomalias congênitas da vesícula biliar são muito comuns, porém a maioria sem significado clínico. Discrepâncias no desenvolvimento da vesícula em relação ao leito hepático resultam em angulação ou dobra do fundo vesicular, criando uma extremidade bulbosa expandida, comparada ao aspecto do barrete frígio (ingl. phrygian cap). É a anomalia mais comum da vesícula, mais bem observada em radiografias (colecistografia) e considerada sem importância fisiopatológica.

HOMEM-ELEFANTE – A sinopse do filme *O Homem-Elefante* (“The Elephant Man”), estrelado por Anthony Hopkins e John Hurt, diz tratar-se de uma história bizarra, mas verdadeira. Joseph Merrick, nos idos de 1800, sofria de moléstia que o tornara o “mais feio dos monstros, com terrível distorção da cabeça, face e corpo”. Um jovem cirurgião o salva de um circo, onde era exibido como “atração”, e o leva para um hospital objetivando desvendar-lhe a doença. Por muitos anos esse paciente, cognominado de “o homem-elefante”, foi considerado vítima de neurofibromatose tipo I (doença de von Recklinghausen), que, eventualmente, pode manifestar-se por deformidades e monstruosidades. Merrick, porém, não apresentava história familiar de neurofibromatose, manchas café-com-leite ou evidências microscópicas de neurofibroma, o que contraria o diagnóstico desta facomatose. Por isso é mais provável que tenha sido portador da síndrome de Proteus – doença muito rara, assim denominada pelos primeiros autores que a descreveram (Wiedemann, HR; Burgio, GR; Aldenhoff, P et al. *Eur. J. Pediatr.*, 1983; 140:5-12) por comparação com a entidade mitológica Proteus, o polimorfo deus dos mares, que se metamorfoseava de mil maneiras, a fim de não ser capturado. São palavras dos pesquisadores: “Nós propomos o termo síndrome de Proteus para esta condição, pois apresenta um quadro clínico variável e, em nossa opinião, a experiência futura mostrará que ela pode se exibir ao médico de múltiplas formas”. Caracteriza-se por gigantismo parcial das mãos ou dos pés, assimetria dos braços, varicosidades, nevo

epidérmico verrucoso linear, macrocefalia, hiperostose craniana e hipertrofia dos ossos longos.

Os pacientes com a doença de von Recklinghausen – que é relativamente comum, com a frequência de um caso para cada 2.500 a 3.000 nascimentos – costumam ficar temerosos de adquirir um aspecto semelhante ao do personagem do filme, devendo, por isso, ser tranquilizados e esclarecidos de que são portadores de uma condição diferente. A expressão “doença do homem-elefante” para referir-se à neurofibromatose é, portanto, incorreta e deve ser evitada.

LÁGRIMAS DE CROCODILO – Choro fingido, lágrimas hipócritas que não vêm da alma. A expressão tem base em uma antiga crença de que o crocodilo derrama lágrimas enquanto devora a presa.

Nos distúrbios do nervo facial, inclusive na paralisia de Bell, a extensão da lesão nervosa é que determina o prognóstico. A possibilidade de recuperação é de 90% se os ramos nervosos da face conservarem a excitabilidade a um estímulo elétrico máximo. No entanto, a regeneração mal direcionada e dispersa das fibras nervosas leva a um desvio destas, de modo que fibras conectadas originalmente a certos músculos faciais e glândulas salivares passam a inervar as glândulas lacrimais. Pode ocorrer lacrimejamento espontâneo paralelamente à salivação durante a alimentação-mastigação, o que motivou o conceito de lágrimas de crocodilo (ingl. syndrome of crocodile tears).

Segundo Plínio, o Antigo, os crocodilos das margens do rio Nilo choravam e faziam ruidosas manifestações de desespero, tal como as pessoas enlutadas, para despertar a piedade e atenção dos passantes, que iam ver do que se tratava e eram então devorados (Raimundo Magalhães, *Dicionário de Provérbios*). A mesma lenda é contada em livro por Guggisberg: crocodilos do Caribe, chorando e soluçando, atraíram a tripulação de um navio negreiro no século XVI, surpreendendo-a e devorando-a. No entanto, trata-se de imaginação e não de um fato biológico. O crocodilo não

chora e não possui ductos lacrimais, embora tenha glândulas que secretam pequena quantidade de líquido lubrificante sob a membrana nictante (2ª pálpebra), isto é, uma membrana que desliza sobre o olho de modo a limpá-lo e protegê-lo quando o animal submerge. As "lágrimas de crocodilo" são, portanto, um mito, embora consagradas pelo uso como locução literária e comparação médica.

COURAÇA – Armadura de couro ou de metal para proteger as costelas e o peito, bem como invólucro protetor de certos animais e revestimento de aço de navios encouraçados.

Alfred Armand Louis Marie Velpeau (1795-1867), cirurgião em Paris, teve, em 1838, sua atenção voltada para um tipo especial de acometimento canceroso da pele mamária, o qual ele denominou, de maneira notável, **câncer em couraça** (Fr. cancer en cuirasse). Veja um resumo da sua descrição: "O câncer envolve uma ou várias áreas da pele e do subcutâneo. A área apresenta-se dura, áspera, esticada e espessada. A pele parece que foi curtida ou substituída por um pedaço de couro. Eu examinei pacientes cujas mamas estavam completamente cobertas por placas e nas quais a rigidez se estendia ao oco axilar, à região clavicular e cruzava o esterno até o outro lado. As pacientes não se incomodavam, pois não havia dor e nem exsudato. O médico contudo não deve se deixar enganar quando notar este quadro no tórax de mulheres. A despeito de seu aspecto benigno, trata-se de câncer da pior espécie. As placas, a princípio separadas, se fundem e se tornam cada vez maiores e mais largas, formando uma verdadeira couraça na parede torácica." (citado em Haagensen, *Diseases of the Breast*, 2. Ed.). Sabe-se atualmente que estas alterações resultam de edema e fibrose secundárias a um câncer invasivo e de prognóstico sombrio, como já previra Velpeau. Só tardiamente há real infiltração carcinomatosa da pele.

PORFIRIA E LOBISOMEM – "Lobisomem é homem que, segundo a lenda popular, se transforma em lobo e vagueia durante a noite pelas estradas, assustando as pessoas." Licantrópia é doença mental em que o enfermo se julga transformado em lobo (Gr. lycos; lobo, licantrópia: lobisomem).

Na pretensa transformação do homem em animais, a metamorfose em lobo é a mais popular, embora rivalizando, sobretudo em outros países, com os mitos de homem-tigre e homem-urso. Segundo L. Illis, MB, do Guy's Hospital de Londres, os chamados lobisomens do passado talvez sofressem de porfiria congênita. Os motivos para esta afirmação se baseiam na notável semelhança entre os sintomas dessa rara doença e as narrativas lendárias que chegaram até nós.

A porfiria congênita (eritropoética) é uma doença rara, familiar, provavelmente por herança autossômica recessiva. Ocorre em jovens e caracteriza-se pela produção excessiva de porfirinas na medula óssea. Estas são pigmentos róseos, fluorescentes à luz ultravioleta e que participam da constituição de enzimas respiratórias, da hemoglobina e da mioglobina. A principal manifestação da porfiria eritropoética é a fotossensibilidade cutânea. O excesso de porfirinas na pele, estimuladas pela luz ultravioleta, provoca lesões celulares, com formação de bolhas, ulcerações e cicatrizes nas áreas expostas, resultando às vezes em deformidades mutilantes nas mãos, na face, particularmente nas orelhas e no nariz, além de alopecia cicatricial; outros distúrbios incluem anemia hemolítica, esplenomegalia, dentes e urina avermelhados; há frequentemente hiperpigmentação e hipertricose facial, além de alterações oculares. Soma-se a isso algum transtorno mental e comportamental, em parte exacerbado pela discriminação social.

Os dentes vermelhos (eritrodontia), o vaguear noturno por causa da fotossensibilidade, a mutilação da face e das mãos, a hipertricose e pigmentação, o desvio de comportamento... Em épocas remotas, o que isso poderia sugerir a uma comunidade relativamente isolada, primitiva e dominada pelo medo? Não seria fácil "fantasiar" um homem-lobo?

(Baseado, em parte, em L. Illis, On Porphyria and the Etiology of Werewolves, *Proceed. of the Royal Society of Medicine*, vol. 57, jan. 1964)

FORMATO DE FRASCO DE ERLIENMEYER – Emil Richard A. Erlenmeyer, químico alemão (1825-1909), embora responsável pela síntese de compostos químicos importantes, é mais conhecido pela inven-

ção de um frasco de vidro com corpo cônico, base larga e gargalo estreito, muito usado em laboratórios e que leva o seu nome.

A doença de Gaucher, resultante do acúmulo intracelular de glicocerebrósido por deficiência da enzima glicocerebrósido glicosidase, provoca alterações esqueléticas e hematológicas, sobretudo devido à ocupação dos espaços medulares pelas células de Gaucher. A anormalidade esquelética mais comum é a falta de remodelagem da porção distal do fêmur e proximal da tibia, não havendo funilização e cilindragem adequadas destas peças ósseas, que perdem a concavidade normal e se tornam retificadas, assemelhando-se a um frasco de Erlenmeyer. O quadro radiológico é fortemente sugestivo de doença de Gaucher. Outras osteopatias mais raras, como a doença de Pyle (displasia crânio-metáfisária) e a osteopetrose, bem como a talassemia, podem configurar a mesma deformidade.

PÊNIS EM SAXOFONE – O linfogranuloma venéreo (doença de Nicolas-Durand-Favre) é doença infecciosa de transmissão sexual, causada pela *Chlamydia trachomatis* e cuja lesão inicial, no homem, ocorre comumente no pênis, e, na mulher, em qualquer ponto da sua genitália. Após 2 a 4 semanas surge adenopatia inguinal, unilateral ou bilateral, particularmente nos homens. Nas formas mais avançadas da doença, as lesões uretrais podem resultar em estreitamento e fístulas e linfedema devido ao bloqueio da drenagem linfática. No homem o linfedema crônico pode provocar deformidade e tortuosidade do pênis, que, visto de perfil, se assemelha às curvaturas de um saxofone – instrumento musical de sopro, consistindo de um tubo curvo de metal com tecla digital e dotado de palheta –, daí a denominação de **pênis em saxofone** (ingl. the saxophone penis – Rook, A. *Textbook of Dermatology*). Segundo outros especialistas, o mesmo aspecto pode ser observado em infecções piogênicas menores de longa evolução.

José de Souza Andrade Filho
Professor de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Medicina

Um Pouco Sobre as Construções Gregas no Período Clássico

Roberto Godoy

O período clássico entre os gregos atingiu o seu zênite no século V a.C., sendo a região da Ática, particularmente Atenas, seu grande expoente. Vários foram os acontecimentos que permitiram a essa cidade-estado (*polis*) liderar toda Grécia nos campos político, filosófico e artístico.

Com a invasão persa das cidades gregas da Jônia (Ásia menor), ocorrida em meados do século VI a.C., filósofos e artistas migraram para Atenas.

No final do século VI a.C., tem início a experiência democrática sob a liderança de Clístenes, que retirou o poder do governo aristocrático e permitiu o debate e o estabelecimento de diretrizes para os problemas públicos por parte de todos os cidadãos, embora fossem excluídos os estrangeiros radicados (*metecos*), os escravos e, até mesmo, as mulheres atenienses.

O século V a.C. inicia-se com a tentativa persa de dominar a Grécia Continental, primeiro com Dario e depois com Xerxes, sendo ambos derrotados em batalhas que se tornariam lendárias: Maratona, Salamina, Plateias e Mícale.

Atenas assume a liderança do mundo grego porque se manteve à frente dos esforços de guerra, porque adquiriu a confiança e as conseqüentes contribuições das cidades do Egeu, porque Esparta estava desmobilizada e desorganizada e porque construiu uma frota numerosa que assegurou conquistas comerciais.

Em 479 a.C., os gregos se vêem livres do medo de perder a liberdade, mas suas cidades estão destruídas pela ocupação persa. As destruições maciças de cidades induzem dois tipos de conseqüências; ou arrasam a cultura e a civilização local ou tornam seus cidadãos mais fortes para reconstruir seus lares e seus templos mais belos e mais pujantes. Foi o que sucedeu com a Grécia, sobretudo com Atenas, após a guerra.

A reconstrução das cidades trouxe para os gregos o problema do planejamento urbanístico. A experiência vivida pelos habitantes das colônias muito contribuiu para as soluções adotadas pelas cidades continentais.

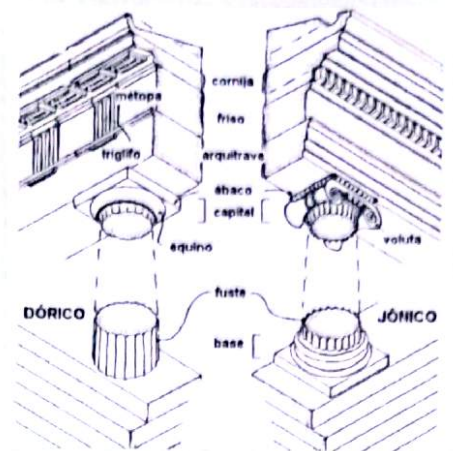
A poderosa frota ateniense, construída por influência de Temístocles, necessitava de um porto seguro que permitisse o livre escoamento de mercadorias. Hipodamo de Mileto, considerado o primeiro urbanista da humanidade, planejou o Pireu (cidade portuária de Atenas) com um traçado de vias públicas e construções que ficou conhecido como planta hipodâmica ou planta regular. Embora esse urbanista não a tenha inventado, foi o grande teórico que a tornou realidade prática.

No campo arquitetônico, os atenienses construíram um grande conjunto de templos na Acrópole, sob o governo de Péricles.

No período clássico, os artistas gregos utilizaram três estilos arquitetônicos, o dórico, o jônico e o coríntio. Cada um com suas particularidades, mas todos sob forte influência do estilo micênico, o *megaron*, de alguns séculos antes. O *megaron* micênico caracterizava-se por ser uma dependência fechada, com planta retangular e a presença de um pórtico duplo abrindo-se para um pátio. O fuste, parte principal da coluna entre a base e o capitel, era circular e o capitel, simples. Não se utilizavam formas curvas, tais como abóbodas ou arcos; pois, embora fossem bem conhecidas dos gregos, não lhes eram do agrado. A utilização de pedras nas construções gregas data do início do século VII a.C.; os estilos clássicos mantêm, com as pedras, a mesma estrutura das construções anteriores em madeira.

Um costume de cunho religioso iria contribuir para as concepções arquitetônicas gregas. Os templos compunham-se de um ambiente retangular (*naos* ou *cela*), onde permanecia a imagem do culto, com um pórtico de entrada (*pronaos*); no entanto, toda a celebração ocorria no ambiente externo do templo, motivo pelo qual se dava tanta importância à beleza da visão externa do prédio.

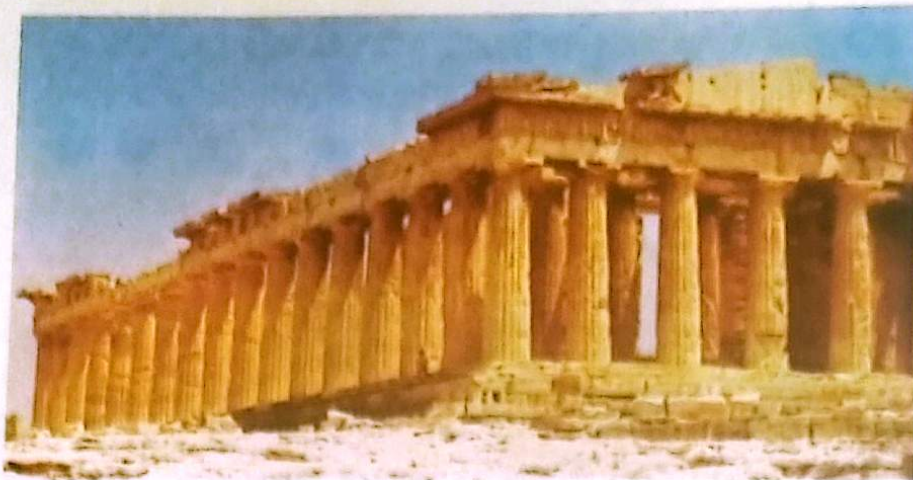
Quando se compara o estilo dórico ao jônico, sobressai a robustez do primeiro e a delicadeza do segundo ou, segundo palavras já ditas, o estilo dórico é matemática e o jônico é poesia. A influência egípcia se



faz presente nas construções dóricas, ao passo que nas jônicas se faz sentir a arquitetura asiática.

O estilo dórico é caracterizado por colunas que se erguem diretamente sem uma base individual; as colunas são estriadas com caneluras, possuem um ligeiro alargamento em sua porção média e são encimadas por capitel simples e imponente, composto de uma banda circular (equino) e um abaco quadrado. Sobre o conjunto de colunas (colunata) repousa uma extensa viga (arquitrave). Por sobre essa viga maior apóiam-se aquelas do telhado numa interessante forma estrutural que permite a existência de pequenos espaços ocupados por placas de pedra esculpidas em alto-relevo, as métopas, que auxiliam na função de suporte. Na frente e atrás do templo, o telhado em duas águas e a arquitrave delimitam um amplo espaço triangular, denominado frontão, preenchido com placas ornamentais e com estátuas. No frontão e nas métopas encontrava-se todo o gênio dos escultores gregos.

O estilo jônico caracteriza-se por colunas mais delicadas, assentadas em base individual, com caneluras mais profundas, afinando-se na porção superior quase imperceptivelmente. O capitel compõe-se de equino estreito com um abaco também estreito, e entre os dois há as espirais gêmeas de uma voluta, detalhe inspirado nas artes hititas, assírias e em formas orientais. A arquitrave compunha-se de três camadas decrescentes em cuja porção superior havia o beiral do teto (cornija) com vários



tipos de detalhes ornamentais. Sobre a arquitrave podia haver esculturas em baixo-relevo, formando um friso contínuo. Também nesse caso o frontão era utilizado como espaço para obras de escultura.

O estilo jônico é um pouco mais tardio e consta que foi inventado por Calímaco. Esse artista teria visto, em Corinto, uma folha de acanto que crescera sobre uma telha que servia de urna num túmulo. O quanto há de verdade nisso não se pode precisar.

Na Acrópole de Atenas, o pequeno templo dedicado a Atena Niké (Vitória) foi construído no mais puro estilo jônico. Projetado por Calícrates, esse templo é considerado a expressão máxima desse estilo arquitetônico.

Ictino, um dos arquitetos do Parthenon, construiu na cidade de Bassae, situada no Peloponeso, próxima a Olímpia, o Templo de Apolo, em que há uma composição de estilos. A fachada é de inspiração dórica, as colunas do interior mostram características jônicas e os capitéis são coríntios, tratando-se dos primeiros capitéis coríntios que se tem notícia.

O templo conhecido por Erecteu, ou Erecteion, construído na Acrópole ateniense, representa o verdadeiro templo religioso de Atenas. Sua planta complexa deve-se ao fato de sua localização ter de respeitar a oliveira de Atena (Minerva), o orifício onde Poseidon (Netuno) ferira o solo e, ainda, o túmulo do rei Cécrops. Destacam-se, de sua planta assimétrica, três magníficos pórticos; os do norte e do leste são especialmente notáveis pela delicadeza dos capitéis jônicos; o pórtico do sul é, no entanto, o mais célebre por possuir colunas que foram substituídas por belas *korai*, esculturas femininas com função de suporte. Essas estátuas foram posteriormente denominadas cariátides, nome provindo da cidade de Cária.

Mas é, sem dúvida, o Parthenon a obra clássica de maior importância. Templo dedicado a Atena Partenos, possuía uma sala para as sacerdotisas da deusa, denominada sala das virgens (*ton parthenon*). Quis o destino que o todo tomasse o nome de uma de suas partes. O templo, em estilo dórico puro, foi construído no governo de Péricles entre os anos 447 e 432 a.C. por Ictino e Calícrates, sob a supervisão de Fídias, sendo gastos 469 talentos, ou 700 talentos, segundo outros. Para se ter uma idéia, 180 dracmas anuais era a quantia necessária para uma pessoa sustentar-se e 1 talento valia 6.000 dracmas. A construção toda em mármore tem dimensões modestas, 69,5m x 30,8m x 19,8m. O terreno onde se assenta o templo tem pequena elevação em sua porção central, de forma a tornar-se ligeiramente convexo. As colunas engrossam em sua porção média para afinar novamente na parte superior e se inclinam para o centro, sendo mais grossas as colunas das pontas. A arquitrave curva-se para cima. As métopas não eram perfeitamente retangulares, mas esculpidas de forma a parecerem como tal. Todos esses artifícios tiveram por finalidade corrigir ilusões ópticas. O gênio grego já possuía consideráveis conhecimentos de matemática e óptica que possibilitaram o planejamento e a execução de construções com áreas convexas para serem vistas como planas e linhas curvas que seriam percebidas como retas. Por cima de toda essa estrutura, 92 métopas em altos-relevos descreviam a luta entre a civilização e a barbárie; gregos e troianos, gregos e amazonas, lápitas e centauros, gigantes e deuses. Nos frontões havia grupos de estátuas de grande tamanho.

O Parthenon manteve-se intacto durante muito tempo. Os romanos respeita-

ram a imponência do templo e o conservaram. Durante o período cristão, foi transformado em igreja e assim conservado. Após a ocupação turca em 1456, foi transformado em mesquita, sendo-lhe acrescentado um minarete, mas também conservado. No entanto, em 1687, quando os venezianos sitiaram Atenas, o general Morosini, informado de que os turcos tinham feito do Parthenon um paiol, mandou que fosse bombardeado. Uma bomba atravessou o teto, fez com que a pólvora explodisse e arruinou o templo. Não satisfeito com sua ação, Morosini tentou apoderar-se das estátuas para levá-las a Veneza como butim de guerra, mas seus homens deixaram-nas cair, transformando-as em escombros.

Embora as obras-primas da arquitetura grega clássica tenham-se perdido diante da voracidade do tempo e dos homens, o espírito da arte grega sobrevive e, ainda que os artistas gregos clássicos tenham privilegiado as formas em detrimento das emoções, não resta dúvida de que atingiram o limiar da perfeição. A dimensão humana que deram à arte só foi recuperada no Renascimento, exatamente porque se buscou inspiração naquilo que os gregos haviam feito.

Roberto Godoy

Ex-presidente do Conselho Regional de Medicina

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor

Guído Arturo Palomba

Diretor Adjunto

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural

Duílio Crispim Farina (presidente)

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Yvonne Capuano

Cinemateca

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina

Jorge Michalany

Coordenação Musical

Dartiu Xavier da Silveira

Cunhado Não É Parente

Conto médico-policial

E não é mesmo. A gente não escolhe – a gente agüenta o que a Deus for servido mandar nesta categoria, se é que se trata do Senhor que escolhe e não a oposição. O doutor tinha suficiente experiência pessoal para compreender cunhadofobias, cunhado-resistências e cunhado-atitudes como “quanto mais longe melhor”. Por isso mesmo estranhava que no laboratório que chefiava em hospital universitário trabalhassem, lado a lado, na sessão de Imunologia, dois caros colegas amigos – e concunhados, que são menos parentes ainda que cunhados. Mais surpreendente ainda era a nítida diferença de personalidade entre ambos. O Eleutério era falante, insinuante, um perfeito relações-públicas, sempre muito bem com os homens. Tinha sido socialista entusiástico nos tempos de João Goulart, amigo do peito do Doutor Adhemar de Barros, fã incondicional do Presidente Costa e Silva, entusiasta do General Médici, defensor da distensão gradual conduzida pelo General Geisel em época de repressão política e, finalmente, animado estimulador de tal distensão mas de tipo radical defendida pelo último dos Generais Presidentes, João Figueiredo. Sim, o Eleutério foi chorar e rezar na frente do Incor quando o Tancredo foi operado, re-operado e re-re-re-operado, gerando um neologismo cirúrgico, o verbo tancredar – volta e meia a gente vai discutir um caso com o residente, e ele sai com esta frase: o paciente retornou ao pronto-socorro após alta cirúrgica e rapidamente foi tancredado pelos colegas do pronto-socorro cirúrgico até que fomos consultados na quarta troca de antibióticos se não seria melhor iniciar meropeném, anfotericina B, vancomicina e outras micinas.

E íamos esquecendo: o Eleutério foi um dos fiscais do Sarney, achou o Collor uma grande solução para todos os males do Brasil, participou da última passeata com os caras pintadas contra o Collor, votou no Fernando Henrique duas vezes e agora hesita entre Serra e Lula, mas pode ser que vá de Ciro Gomes ou Garotinho, quem estiver melhor nas prévias.

Com tudo isso, o Eleutério progrediu e virou chefe da sessão. Não que a política tenha muito a ver com essas coisas, mas ajuda estar de bem com os homens, sejam estes quais forem. Já o Hilário, que apesar do nome pouco ria, era calado, meio triste, quietinho, melancólico. Muito mais competente, carregava toda a seção nas costas enquanto o Eleutério se dedicava

aos seus esportes preferidos – puxar o saco dos poderosos de plantão e cantar as meninas da seção, ambos com sucesso. O Eleutério já começava a sua campanha no concurso de admissão, que fazia questão de organizar e do qual participava pessoalmente. Mocinha mais feia nunca entrava na Imunologia – para fazer reações sorológicas para diagnóstico de toxoplasmose, mononucleose, sífilis e outras coisas, só sendo bonitinha, bem-apanhada, com belos seios e melhores quadris, que o Eleutério gostava mesmo é de pernas. Compridas, e cintura fina. Se a menina fosse desquitada, separada ou divorciada, ainda melhor – as más línguas diziam que só lá a nota aumentava dez pontos. Depois o Eleutério gostava de ensinar à novata as técnicas, especialmente imunofluorescência, que obrigava professor e aluna a dividir um cubículo escuro cuja porta precisava ficar fechada. Às vezes havia uma cruel dúvida quanto ao título da reação e o Eleutério tinha de ficar duas horas lá dentro, naquele calor, discutindo até quanto tinha sido positiva a reação.

Casaram o Eleutério e o Hilário com duas irmãs, e o curioso é que a mulher do Hilário era um doce de menina, daquelas que o Eleutério sempre tentava comer, e a do Eleutério uma senhora já entrada em anos e com cara de brava, que ele tratava com muito cuidado, muito respeito e muita distância. Quem os frequentava socialmente dizia que a Elisa, mulher do Eleutério, era uma sucuri para ninguém botar defeito – ia logo mordendo e abafando. Já a Graça, a senhora do Hilário – bem, era uma graça.

O doutor tinha uns trabalhos em andamento no laboratório e precisava de vez em quando conversar com os dois concunhados. O Eleutério prometia tudo – mas não fazia nada. Já o Hilário não fazia promessas, mas o que dizia que dava para fazer garantidamente era feito. Quando iniciou a epidemia da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), o Eleutério deu duas entrevistas, apareceu no jornal, preparou o “press release” das vantagens de fazer o teste anti-HIV, que indica se alguém está ou não infectado pelo vírus que causa a AIDS, enfim, deitou e rolou. O Hilário montou a técnica, estudou a validação, aprendeu a fazer os testes confirmatórios – enfim, fez o trabalho que tem de ser feito.

Um belo dia o doutor chegou no hospital e encontrou-o em polvorosa. O Hilário

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

tinha se suicidado. Um tiro na testa com um 38 – o orifício de entrada, um pequeno círculo na fronte; o de saída, um buraco com pedaços de bulbo jorrando para fora. Fora encontrado em casa, com um bilhete sibilino dirigido à Graça.

– Graça, me desculpe. Não deu para enfrentar. Procure o doutor.

O doutor ficou absolutamente pasmo. Nunca cuidara do Hilário. Para ser franco, só havia conversado com o colega coisas profissionais.

O doutor foi ao enterro, deu pêsames à família, o Eleutério estava arrasado e em prantos. Graça segurou a mão do doutor e sussurrou:

– Daqui a alguns dias vou lhe procurar.

Foi trêmula e chorosa, amparada pela irmã. Pediu para a Elisa esperar fora do consultório – a Elisa não gostou muito mas foi – e assim que a porta se fechou, disse:

– Doutor, achei estes papéis na gaveta do Hilário e acho que isto tem muito a ver com o suicídio dele. Que bobo, doutor, eu estaria sempre do lado dele, pronta para ajudar e tratar dele, fosse lá o que fosse – esta coisa não teria feito diferença.

O doutor pegou os papéis – uma carta mais longa na qual o Hilário confessava à Graça que tinha tido um caso com uma antiga amiga do Eleutério, mas a culpa era mais do Eleutério que dele, já que praticamente ele lhe empurrara a menina, não que ele, Hilário, negasse a culpa. Depois vinham alguns exames, e lá estava um anti-HIV positivo, com teste confirmatório positivo, do Hilário.

O doutor consolou a viúva, disse que o risco de pegar era relativamente pequeno, algo como 1 em 200 a cada relação sexual vaginal, algo maior com relação anal.

A Graça atalhou:

– Isso nunca! Bem que vocês homens gostam destas coisas, mas eu nunca.

– Só para esclarecer, dona Graça.

– Não sou dessas, doutor!

– Minha senhora, estou apenas dando estatísticas.

Bem no final o doutor pediu o exame da Graça, disse que tinha de ser repetido em alguns meses e que naquele meio-tempo a Graça se cuidasse e, se tivesse relação...

A Graça ficou uma onça:

– Acabei de ficar viúva, e o senhor vem me falar disso!

– Bem, pode acontecer, a senhora é uma moça bonita, a minha obrigação...

– A sua obrigação não é ficar falando sacanagem para a gente. Eu devia ter deixado a Elisa assistir à consulta!

O doutor engoliu em seco, explicou que não se tratava de sacanagem, mas de Biologia.

A Graça pediu desculpas depois, estava nervosa, ela sabia que tudo isso era importante, no momento.

No final, tudo deu certo. A Graça fez mais dois exames, ambos negativos, e na última consulta chegou sorridente, sem a Elisa, e confessou ao doutor:

– Doutor, o senhor tinha razão naquela primeira consulta, quando me portei como uma estúpida. O senhor me desculpe de novo, tá?

– A gente entende, dona Graça, a gente entende.

– Pois é, estou com um caso e transando com camisinha, mas ele se queixa que tira todo o clima. Agora que eu sei que estou negativa posso largar desta coisa?

– Não sei, dona Graça, acho que não. Qualquer relacionamento casual – a senhora sabe, quando não há garantia de fidelidade do parceiro, a gente deve usar proteção. A senhora está negativa, mas e o seu parceiro?

– Ah, doutor, eu tenho certeza que ele só faz comigo e... – Ai a Graça ruborizou e disse: – Sabe de uma coisa? O senhor pode saber, eu tenho certeza que não vai contar para ninguém.

– Claro, dona Graça, a ética médica... tudo o que conversarmos fica nestas quatro paredes.

– Então, doutor, o meu parceiro, como o senhor diz, é o Eleutério, que eu tenho certeza absoluta, porque ele me jurou e eu acredito, que só transa com a Elisa e que só traiu a Elisa comigo.

O doutor não caiu da cadeira porque o cafajeste do Eleutério era perfeitamente capaz de comer a cunhada (ou seria ex-cunhada) e mentir deslavadamente para a moça. Ele recomendou que mesmo assim usasse camisinha, porque a gente nunca sabe se o outro conta a verdade, mas ficou convicto de que os dias de camisinha do Eleutério estavam encerrados.

A história poderia parar por aqui, não fosse uma pesquisa com soros guardados no congelador que o doutor estava fazendo há muito tempo e que o obrigou a pegar um monte de soros congelados para fazer umas reações para hepatite C. No meio deles estava um soro do Hilário, colhido uns cinco dias antes do suicídio.

O doutor fez os testes de hepatite C – o Hilário estava negativo – e por cisma pró-

pria fez um anti-HIV – que também deu negativo.

O doutor foi no livrão de registro de resultados do laboratório. O anti-HIV do Hilário tinha sido feito lá mesmo e marcado positivo por uma das pupilas do Eleutério – a Rosinha, um mulhêrão de um metro e oitenta de altura, daquelas de fechar o comércio, que não trabalhava mais por lá. Trabalhava num laboratório de pesquisa na Faculdade, e o doutor sabia que era amiga da Lúcia, sua técnica. O doutor perguntou para a Lúcia:

– A Rosinha ainda anda com o Eleutério?

– Ih, doutor, isso é da pré-história. A Rosinha achou coisa muito melhor, um engenheiro que adora ela, vai até casar e, acredite se quiser, o Eleutério é um dos padrinhos.

O doutor pensou, pensou, pensou e achou melhor deixar tudo assim mesmo. O Hilário já morrera, a Graça, quando ele a encontra, sorri, o Eleutério é o pilantra de sempre e a Elisa anda com aquela cara de laranja chupada que ela sempre teve. O doutor apenas espera que o Eleutério algum dia, num dos seus casos, cruze de fato com o HIV – e o doutor desde já decidiu que desse filho de uma... ele não trata.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
Os autores são médicos e professores universitários

Koh'l: Uma Boa Idéia

Rubens Bedrikow

Koh'l, kuhl, kohol, kahal ou khur é o nome dado ao fino pó negro que as mulheres árabes utilizam para escurecer as pálpebras, fazendo os olhos parecerem maiores, mais brilhantes, sedutores. Tradicionalmente trajadas de forma a esconder quase todo o corpo e a parte inferior da face, são seus olhos negros que de primeiro atraem os homens. O sombrear, no entanto, não parece se limitar a instrumento de sedução, haja vista que protege contra o brilho excessivo do sol forte do deserto, legitimando seu uso por parte dos homens. Ademais, teria aquele pó o poder de prevenir determinadas doenças oculares. Provavelmente seja esta a explicação mais coerente para justificar a técnica tradicional de aplicação do **koh'l**: introduzir o bastão aplicador esculpido em madeira, cuja extremidade arredondada foi previamente embebida em óleo de oliva, no **koh'l** em pó, segurá-lo paralelo ao olho fechado e, começando da parte medial deste, deslizá-lo entre as pálpebras de forma a tingir as raízes dos cílios e embarrar delicadamente o globo ocular.

As tenuíssimas partículas de **koh'l** ou **al-koh'l** são constituídas de antimônio, um metal branco azulado utilizado como anti-séptico pelos egípcios. Talvez a crença na proteção contra as doenças oculares seja fruto da observação, pelos povos da antiguidade, dessa propriedade do pó de antimônio.

A palavra **al-koh'l** era usada pelos alquimistas árabes para descrever finos pós, alguns dos quais obtidos através do aquecimento de determinadas substâncias até a separação dos gases, seguida de resfriamento. O termo foi generalizado para designar substâncias provenientes da destilação.

No século XVI, Theophrastus Bombastus von Hohenheim, conhecido como Paracelsus (1493-1541), famoso alquimista e defensor da terapia química, utilizou pela primeira vez a palavra **álcool** para designar o "espírito do vinho". O vocábulo provém de **al-koh'l** e designa o composto orgânico descoberto ao redor do ano 1100 na primeira escola de Medicina do ocidente, em Salerno (Itália), e que, atualmente, é utilizado como solvente, combustível, bebida e anti-séptico.

Portanto, a palavra **álcool** deriva daquele pó estibado chamado pelos árabes de **koh'l** e utilizado para escurecer as pálpebras.

É curioso que a marca de uma das cachaças mais populares no Brasil, a aguardente Pirassununga 51, carrega no seu nome o número atômico do elemento antimônio, cujo símbolo é Sb, do latim *Stibium*.

Se não fosse coincidência, seria uma boa idéia.

Rubens Bedrikow